

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA

DELEON SOUTO FREITAS DA SILVA

**O USO DO CINEMA NA ESCOLA: a construção de aprendizagens a
partir de filmes**

PATOS - PB

2019

DELEON SOUTO FREITAS DA SILVA

**O USO DO CINEMA NA ESCOLA: a construção de aprendizagens a
partir de filmes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Luisa Nogueira de
Amorim

PATOS - PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

S586u Silva, Deleon Souto da.

O uso do cinema na escola: a construção de aprendizagens a partir de filmes / Deleon Souto da Silva. - João Pessoa, 2019.
45 f. : il.

Orientação: Ana Luisa Nogueira de Amorim.
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Cinema. 2. Educação. 3. Aprendizagens. 4. Ferramentas Educativas. I. Amorim, Ana Luisa Nogueira de. II. Título.

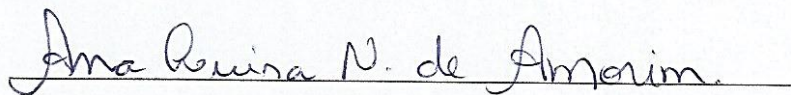
UFPB/BC

O USO DO CINEMA NA ESCOLA: a construção de aprendizagens a partir de filmes

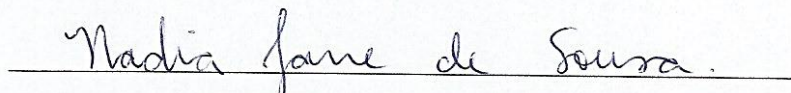
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 07/06/2019

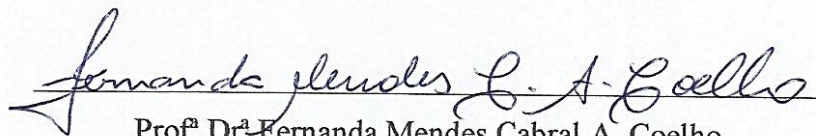
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Ana Luisa Nogueira de Amorim
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Profª Drª Nádia Jane de Sousa
Profª Convidada
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Profª Drª Fernanda Mendes Cabral A. Coelho
Profª Convidada
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Aos meus pais, por me apoiarem nos estudos. À
minha esposa, Jéssyka, e minha filha, Lavínia,
pelo amor compartilhado, motivando mais essa
aquisição de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao bom Deus, que me deu forças para vencer mais uma batalha.

Agradeço a todos os familiares e amigos, em particular a Everson e Mayara, que foram parceiros desta jornada.

Aos professores do curso de Pedagogia da UFPB Virtual, por seus conhecimentos compartilhados.

E aos funcionários do Polo Itaporanga, que me ajudaram a crescer e enfrentar os desafios impostos nesta jornada.

O cinema opera uma espécie de ressurreição da visão primitiva do mundo, permite, tolera e inscreve o fantástico no real.

Edgar Morin (2003, p. 19)

RESUMO

Compreender a construção de saberes envolve perceber a construção do conhecimento a partir das interações entre o professor, o aluno e o conteúdo. Essa relação perpassa através dos diálogos, debates, trocas de experiências, conexões com o espaço e com o outro. Nesse caso, pensar a educação e os problemas a elas ligados é pensar nos sujeitos em construção. Partindo da relação cinema e educação, buscamos através desta pesquisa analisar o uso de filmes como ferramentas educativas em sala de aula com professores do Ensino Fundamental [anos iniciais – 4º e 5º anos], problematizando a construção de aprendizagens a partir de filmes. Para apoiar teoricamente buscou-se as contribuições de Bernardet (2006), Duarte (2002), Freire (1987; 2005) e Napolitano (2003; 2009), entre outros referenciais. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com a participação de 20 professoras, sobre as contribuições do cinema na construção de saberes. Por fim, através da análise dos resultados, os dados indicam o constante uso de filme nas escolas e suas contribuições a partir de novos processos de aprendizagem mediada.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Aprendizagens. Ferramentas Educativas.

ABSTRACT

Understanding the construction of knowledge involves perceiving the construction of knowledge from the interactions between the teacher, the student and the content. This relationship permeates through dialogues, debates, exchanges of experiences, connections with space and with the other. In this case, thinking about education and the problems connected to them is thinking about the subjects under construction. From the relationship between cinema and education, we seek to analyze the use of films as educational tools in the classroom with elementary school teachers [early years - 4th and 5th years], and to study the construction of learning from films. To support theoretically, we sought the contributions of Bernardet (2006), Duarte (2002), Freire (1987; 2005) and Napolitano (2003; 2009), among other references. It was a qualitative research, with the participation of 20 teachers, about the contributions of cinema in the construction and mediation of knowledge. Finally, through the analysis of the results, the data indicate the constant use of film in schools and their contributions from new processes of mediated learning.

Keywords: Cinema. Education. Learning. Educational Tools.

SUMÁRIO

1 CAMINHOS INICIAIS DA PESQUISA	11
2 A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA	14
2.1 A IDENTIFICAÇÃO COM O FILME	17
2.2 A PEDAGOGIA DO CINEMA	19
2.3 O CINEMA NA ESCOLA	23
3. PERCURSO METODOLÓGICO	25
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	27
4.1 A CONSTRUÇÃO DE SABERES A PARTIR DE FILMES	30
4.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DADOS DA PESQUISA	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICES	40
ANEXOS	43

ÍNDICES DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 01	Utilização de filmes em sala de aula pelos participantes da pesquisa	28
Gráfico 02	Critérios de escolha para utilização de filmes em sala de aula pelos participantes da pesquisa	29
Gráfico 03	Uso de filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno	30
Quadro 01	Experiências com o cinema em sala de aula	33

1. CAMINHOS INICIAIS DA PESQUISA

Ensinar através de filmes é ir além da transferência de conhecimento. Usar o filme na sala de aula exige rigor metodológico, pesquisa, respeito pelos contextos e as linguagens que deverão ser trabalhadas para a construção dos saberes dos educandos. Ensinar com o cinema exige criticidade, curiosidade como uma inquietação indagadora, exige coerência entre a história do filme e as suas expectativas, inclusive, a aceitação ou rejeição que acontece pela intermediação.

O cinema pode interferir em diferentes contextos do espectador, diante das necessidades apontadas, julga-se necessário refletir ainda mais sobre os mecanismos de preservação e promoção da diversidade cultural no espaço escolar. Assim, o que devemos buscar quando nos propomos a trabalhar outra linguagem que não seja a escrita, com a qual a escola está acostumada, é verificar sua validade e eficácia, é perceber como os cineastas imprimem seus pontos de vistas nas histórias que narram.

Pierre Bourdieu (2007) afirma o cinema como responsável para o que chamamos de “competência para ver”. O mundo do cinema é um espaço privilegiado de produção de sociabilidade, uma prática social importante que atua na formação geral das pessoas. Por isso, devemos pensar a educação como um processo de socialização.

Compreender o processo de produção do cinema nos faz entender que a transmissão e produção de saberes não é um papel exclusivo da escola, mas que também acontece em outras instâncias.

Muitas são as áreas de atenção destacadas pelos professores ao se trabalhar uma linguagem não-escolarizada: a motivação do aluno para o assunto tratado, o incentivo à discussão e ao comentário, o auxílio na produção de textos escritos, a possibilidade de se estabelecer comparações textuais e conhecer melhor outras linguagens (CITELLI, 2000, p. 96).

A partir do momento em que estamos expostos a um universo cheio de linguagens diversas, temos que nos preparar para entender criticamente o que ele nos oferece. O cinema se ajusta neste processo como um trabalho pedagógico que busca a interação e o aperfeiçoamento do aluno na leitura de novos códigos, nos preparando para interpretar, produzir e reproduzir conhecimentos.

O cinema como meio simbólico leva as pessoas a seduzirem pelas imagens em movimento que propõem retratar a vida. Está aí a riqueza da linguagem cinematográfica, que

conquista cada vez mais pesquisadores que reconhecem os filmes como fonte de investigação de problemas de grande interesse para os meios educacionais.

O segredo, o mistério, os não-ditos atizam nossa curiosidade, mobilizam nossa curiosidade, mobilizam nossos desejos sobre esses ídolos que aprendemos a cultivar, desde a primeira vez que entramos numa sala de cinema. Queremos ser como eles, ao mesmo tempo, nos afastamos deles, pois sabemos, de antemão que a tela imaginária jamais se converterá na tela real em que se movem as ações cotidianas. É esse processo de identificação-diferenciação que o cinema nos proporciona (GALENO et al., 2008, p. 138).

O cinema é uma ferramenta importante para o desenvolvimento da aprendizagem, proporcionando aos estudantes o processo de experimentação, descobertas e invenções. Ampliar estas nossas capacidades é um dos desafios que o cinema vem nos colocar.

Portanto, tomando por base a relação cinema e educação, enquanto estudante de Pedagogia, Jornalista profissional e produtor de filmes, trataremos nesta pesquisa uma discussão sobre a pluralidade do cinema enquanto ferramenta pedagógica no âmbito educacional. Tomando por base a relação cinema e educação, esta pesquisa busca analisar o uso de filmes como ferramentas educativas em sala de aula com professores do Ensino Fundamental [anos iniciais – 4º e 5º anos]. Propomos uma discussão sobre este processo, além de compreender a pluralidade destas ações mediante uma análise discursiva.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, durante a revisão de literatura, aprofundamos os estudos através de artigos, dissertações e teses publicadas sobre a construção de saberes, apoiados nas teorias de Bernardet (2006), Duarte (2002), Freire (1987; 2005) e Napolitano (2003; 2009), entre outros.

À luz das referências desta pesquisa, sabe-se que uma obra cinematográfica, além de poder ser lida e analisada, pode retratar eixos temáticos, questões ou problemas como referência para a interpretação de significações que emergem das diferentes estruturas narrativas. Deste modo, devemos compreender nesse contexto que a escola deve viabilizar a construção dos saberes, ao passo que:

ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É nesse sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele (FREIRE, 2005, p. 119).

Para tanto, buscou-se nesta análise, como objetivo geral, compreender os discursos apontados pelos professores envolvidos, analisando como pode ser possível trabalhar o cinema pedagogicamente através de um diálogo com o filme. Buscamos ainda como objetivos específicos: investigar os caminhos para o uso do cinema na formação geral da criança; identificar quais as metodologias e abordagens adotadas pelos professores no uso de filmes; e verificar como as produções cinematográficas estão sendo utilizadas nas escolas.

Por fim, o problema que sustentou esta investigação, possibilitando um aprofundamento e motivando um estudo detalhado sobre o assunto, foi: Como os professores realizam o ensino a partir da exibição de filmes?

A pesquisa está dividida em três partes, além das considerações finais. No primeiro capítulo apresentamos a fundamentação teórica, com conceitos e referências sobre o tema da pesquisa. Na segunda parte traçamos o percurso metodológico apontando como foi estabelecido o desenho da pesquisa, etapas e tratamento dos dados. No terceiro capítulo dispomos da análise dos resultados, construída a partir dos dados coletados e das teorias contextualizadas na pesquisa.

Este trabalho foi elaborado seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) atualmente em vigor.

2. A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Desde que surgiu, o cinema é compreendido como uma arte. Sua capacidade de encantar e reproduzir algo muito além da realidade possibilitou a construção de uma linguagem feita a partir de narrativas imagéticas. Martin (2005, p. 23) define a linguagem cinematográfica como "sistema de signos destinados à comunicação".

Aumont (2009, p. 175) pontua:

Qualquer filme supõe, igualmente, uma composição e uma organização; as duas atividades absolutamente não implicam o alinhamento em estruturas convencionais. A importância do cinema provém precisamente do fato de ele sugerir com insistência a ideia de uma linguagem de um novo tipo, diferente da linguagem verbal.

E o que distingue tal linguagem de outras é a possibilidade que sua expressão acontece a partir da reprodução das imagens, potencializada em suas múltiplas significações. Sua característica essencial é a universalidade, como observa Martin (2005, p. 278): "aplicado ao cinema, o conceito de linguagem é bastante ambíguo. É preciso ver nele aquilo que chamei o arsenal gramatical e linguístico, essencialmente vinculado à técnica dos diversos procedimentos de expressão fílmica".

A definição de cinema não deve ser feita numa perspectiva simplista ou reducionista do termo. Há um conglomerado de situações e nuances que constroem o significado do cinema. Essa ideia está retratada na obra de Bernardet (2006), o autor afirma que o cinema se configura como um complexo ritual, formado por mil elementos diferentes, entre esses elementos podem ser destacados o gosto dos espectadores, a publicidade, as empresas que investem dinheiro nas produções cinematográficas, os donos de salas, os exibidores, a censura e as traduções dos filmes estrangeiros.

Se for visualizado sob o olhar de todos esses fatores que o compõem, o cinema é, de acordo com Bernardet (2006), complexo. Mas, se visto numa perspectiva dos espectadores o cinema é apenas uma história que se pode ver na tela e da qual se pode gostar ou não, e cujas cenas podem provocar as mais diversas emoções ou não.

De acordo com Mendonça (2007), a definição de cinema vai além de uma conceituação puramente artística, pois na sua definição estão envolvidos um aparato técnico e um saber artístico. Inúmeras nuances e fatores estão envolvidos na definição, mas vale ressaltar que é impossível achar um percentual definitivo, uma medida única que seja por si garantia da interpretação.

A definição de cinema perpassa a capacidade comunicativa que essa arte é capaz de produzir. De acordo com Apolinário (2012), o cinema tem o papel de linguagem, que estimula diversas possibilidades de interpretação e representações, apoiadas na sensibilidade de cada indivíduo que se propõem a tentar entender as nuances presentes na “Sétima Arte¹” e as tantas possibilidades inerentes a ela, envoltas nos mais diversos enredos, temas, tempo e espaço.

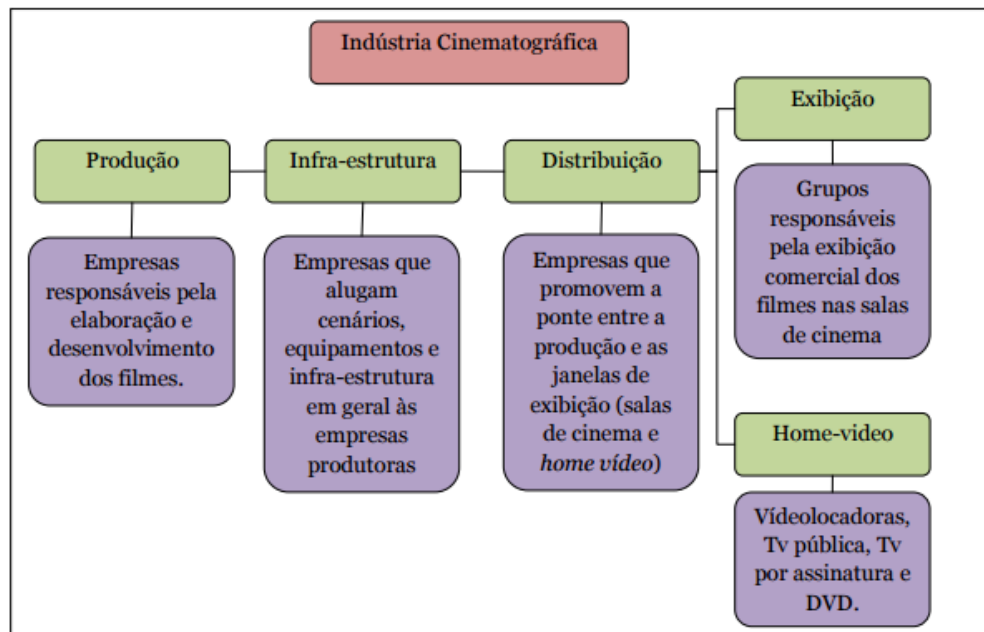
Mais do que um divertimento, o cinema se consolidou ao longo do tempo como uma indústria que movimenta o mercado e a economia pelo mundo. Essa perspectiva é abordada por Michel (2011) quando afirma que a indústria cinematográfica está ligada estreitamente na economia e na cultura mundial. O produto final deste setor é uma obra audiovisual, é um produto cultural que envolve diversas atividades produtivas em sua constituição. Mas, há que se destacar um aspecto importante nesse contexto, questão discutida pelo mesmo autor, quando destaca que

uma obra cinematográfica é toda a obra audiovisual cujo destino seja principalmente a exploração via mercado através da exibição cinematográfica. Entretanto, deve-se salientar que nem toda obra cinematográfica tem como objetivo a exploração via mercado. Existem filmes que não chegam às salas de exibição, e também aqueles que apresentam distribuição e exibição gratuitas (MICHEL, 2011, p. 31).

Ao falar do cinema como uma indústria, Michel (2011, p. 31) se remete nessa análise às indústrias fabris tradicionais formadas por cadeias produtivas que se inter-relacionam para gerar seu produto final ao longo de etapas interdependentes.

¹ A expressão Sétima Arte foi criada pelo italiano Ricciotto Canudo, em 1912, por considerar a arte cinematográfica a síntese das outras seis artes: arquitetura, música, pintura, escultura, poesia e dança.

Figura 01: Cadeia produtiva da Indústria cinematográfica



FONTE: Michel (2011, p. 31).

As empresas produtoras são as responsáveis diretas pelo filme, sob sua incumbência estão: a iniciativa da produção, elaboração de roteiro, definição de atores e outros profissionais e execução da produção, que pode envolver também a etapa de captação de recursos a depender da característica do filme. Outra etapa está sob a responsabilidade das empresas de infraestrutura que fazem um papel de apoio estrutural, são especializadas na fabricação de equipamentos necessários à produção do cinema, além de sua locação. Na etapa seguinte está a distribuição do filme, as empresas distribuidoras são responsáveis pelo elo entre a empresa produtora e as diferentes janelas de exibição, quais sejam: exibição em salas comerciais de cinema, DVD para locação, DVD para compra, ou consumo em geral; essas empresas de distribuição conduzem os filmes às empresas que serão responsáveis pela exibição do filme ao grande público. Destaca-se, ainda, o home-vídeo que se refere às atividades que possibilitam o consumo de filmes em ambientes domésticos, é o caso das redes de televisão aberta e fechada e DVD.

Numa análise mercadológica Matta (2004, p. 74) afirma que “a lógica de competição na indústria do cinema, ditada por economias de escala de grandes distribuidoras, está centrada na luta frequente por controlar e minimizar as incertezas da demanda”. Na perspectiva financeira, um novo filme significa um produto feito sob condições específicas e requer contratações de mão de obra e serviços especializados. Portanto, “trata-se da produção de um protótipo, cujos investimentos possuem caráter único e de alto risco, mas que também podem

proporcionar grande retorno” (MATTA, 2004, p. 75). É nessa lógica que se percebe que muitos fatores e interesses estão envolvidos em uma produção cinematográfica e muitas vezes esses irão ditar os rumos da indústria cinematográfica de modo geral.

2.1 A IDENTIFICAÇÃO COM O FILME

Identificar-se nada mais é do que uma situação de correlação, onde o indivíduo se sente pertencente ou incluído em determinada situação. Essa reflexão se dá a partir da definição posta por Ferreira (2016) quando afirma que esse termo pode ser explicado como sendo a capacidade de absorver algo em si; de conformar-se ou de provar ou reconhecer a identidade de determinada coisa. Assim um sujeito se identifica com um filme quando se reconhece de alguma forma na história contada.

O que percebo no cinema não é apenas o que vejo, não é apenas o que me é mostrado no recorte do quadro, através da mediação da câmera. A minha percepção depende fundamentalmente do que eu adivinho na percepção do outro, do que eu suponho que o outro vê (ou não) e do que eu suponho que o outro sabe (ou não) que eu vejo. O mesmo campo escópico que constitui o sujeito é também o local onde o sujeito fracassa como fonte originária, como foco, como ‘ponto de vista’, porque, malgrado esteja no ponto privilegiado de vidência, ele não é o único vidente da cena. [...] O vidente e o visível funcionam em relação ao olhar como o avesso e o direto. Um não existe sem o outro, um não é senão a reversão, o desdobramento do outro, como os corpos que se acariciam se invadem um ao outro, se contaminam e se confundem num quiasma. (MACHADO, 2007, p. 97)

De acordo com Aumont (2009) a identificação tem um papel importante na formação imaginária do eu, e esse entendimento tem origem e destaque nos estudos realizados na área de psicanálise. Segundo o autor, “na teoria psicanalítica, o conceito de identificação ocupa um lugar central, e isso desde a elaboração por Sigmund Freud da segunda teoria do aparelho psíquico, em 1923, na qual ele situa o id, o ego e o superego” (AUMONT, 2009, p. 244).

Em linhas gerais,

longe de ser um mecanismo psicológico entre outros, a identificação é, ao mesmo tempo mecanismo de base da constituição imaginária do eu (função fundadora) e o núcleo, o protótipo, de um certo número de instâncias e de processos psicológicos posteriores pelos quais o eu, uma vez constituído vai continuar a diferenciar-se (função matricial) (AUMONT, 2009, p. 244).

Aumont (2009) ainda expõe que para a psicanálise e particularmente nas abordagens estudadas por Freud, existe a identificação direta, chamada de identificação primária e a secundária.

Na identificação primária o sujeito estaria num estado indiferenciado, o eu e o outro são vistos como um só, não há a percepção de que são seres independentes. Avançando ainda nessa fase há o que se chama de ‘fase do espelho’ o indivíduo percebe que pode existir uma relação dual entre o seu eu e o outro, e está relacionada à formação imaginária da criança.

A identificação secundária refere-se amplamente ao complexo de Édipo, há um rompimento radical, uma substituição das relações com o pai e com a mãe numa estrutura triangular, onde o indivíduo pode imprimir sua marca.

O ideal do eu, por exemplo, vai continuar a construir-se e evoluir por identificação com modelos muito diversos e até parcialmente contraditórios, encontrados pelo sujeito tanto em sua experiência real quanto em sua vida cultural. O conjunto dessas identificações, de origem heterogênea, não forma um sistema de relações coerente, mas antes pareceria com uma justaposição de ideias diversas mais compatíveis entre si (AUMONT, 2009, p. 252).

Numa análise geral sobre a identificação, pode-se entender que esta é uma das chaves da legibilidade do filme, pois uma obra cinematográfica é um sistema maleável de trocas no qual todos os olhos que assistem a um filme incluindo os dos espectadores, se conectam com a história contada de acordo com sua percepção e conhecimentos prévios. Cada filme permite uma leitura segundo um modo de agenciamento que pode ser fechado ou aberto, centralizado ou múltiplo (MACHADO, 2007).

Assim, o processo que chamamos de ‘identificação’, uma das chaves da legibilidade (inteligibilidade) do filme, nunca deve ser pensado como um monólito, mas como um sistema maleável (embora consistente) de trocas provisórias, em que os vários olhos do filme (entre os quais o do espectador) se substituem segundo um modo de agenciamento que pode ser fechado ou aberto, ‘centralizado’ ou múltiplo, de acordo com cada filme. Habitar o texto fílmico como um ‘leitor’ é se dividir para ocupar muitos lugares ao mesmo tempo e experimentar o outro como uma entidade móvel e escorregadia (MACHADO, 2007, p. 99).

A identificação no cinema ocorre quando o sujeito se reconhece naquilo que ele não está, no espaço que ele figura como um excluído. Ele se posiciona como se estivesse numa segunda tela, dando sentido e se projetando ao corpo simbólico. O espectador acaba se projetando através do olho da câmera, tem a impressão de ser ele mesmo o sujeito que agencia os planos na cena, transferindo às personagens o agenciamento no filme.

2.2 A PEDAGOGIA DO CINEMA

O cinema tem, ao mesmo tempo, o poder de registrar o presente e contar histórias de diferentes formas. Sua dimensão se dá como importância histórica, como testemunho do presente e do passado, numa construção de memórias, das visões de mundo, das identidades e das ideologias.

Duarte (2002, p. 90) enfatiza que “o cinema é um instrumento preciso, por exemplo, para ensinar respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”. A autora ainda aponta que em “sociedades audiovisuais” como a nossa, o acesso ao cinema e, indo mais além, o domínio da linguagem cinematográfica nas suas singularidades, pode auxiliar e enriquecer a compreensão do corpo e sua educação na escola. E se compreendermos a educação imersa numa sociedade audiovisual, a interpretação filmística e sua apropriação adquirem relevância dentre os saberes escolares.

Duarte (2002, p. 17) diagnostica que os meios educacionais ainda veem o audiovisual como mero complemento de atividade verdadeiramente educativa, como um recurso secundário em relação ao processo educacional. Se admitirmos que a relação com os filmes participa de modo significativo da formação geral das pessoas, compreenderemos na pedagogia do cinema as estratégias e recursos utilizados para seduzir um grande número de pessoas, sobretudo jovens.

Neste contexto, é possível observar que a educação necessita de mudança profunda em todos os seus aspectos. Correlacionando todas as questões apontadas, o processo educativo atual, debatido há décadas, traz como referência uma constante insistência dos educadores em trabalhar uma concepção de educação formatada e conteudista, através do discurso de alienação do sucesso profissional. E mais, uma imposição de uma educação distanciada do real, despreocupada com o social e seus problemas atuais.

As mudanças sociais e educativas necessitam ser reinventadas, abandonando os modelos ‘tradicionais’ e partindo para novas transformações. No entanto, é preciso questionar que mudanças queremos e que resultados alcançaremos. E, ainda, entender como promover a construção em que as pessoas evoluam individual e coletivamente, determinando uma involução progressiva entre as relações sociais e a subjetividade humana.

Para tanto, cabe ao espaço escolar, e para todos que o constituem, definir estratégias e objetivos focados na formação do cidadão, repensando teorias e modelos, desenvolvendo metodologias para o contexto das escolas, de maneira que se mudem as formas de aprender.

Nesse sentido, o cinema tem o poder de atuar diretamente como agente de socialização, educando e formando o indivíduo no âmbito cultural, social e político. Ela é parte integrante e fundamental dos processos de produção e circulação de significados e sentidos, os quais, por sua vez, estão relacionados a modos de ser, modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida.

o cinema constitui-se em uma matriz social singular de percepção, elaboração e transmissão de saberes e fazeres, possibilitando distintas formas de apreensão, compreensão e representação do mundo. Nesses termos, enquanto uma modalidade integrante do conhecimento humano, o cinema orienta e explica percursos individuais e grupais formados em ambiências em que a imagem em movimento constitui e possibilita aprendizados que passam a compor o estoque de experiências da sociedade (SILVA, 2010, p. 161-162).

A mudança na educação, em função da chegada das novas tecnologias do conhecimento, nos remete à necessidade de estudar a relação entre comunicação e educação de modo interdisciplinar.

A tarefa primordial da escola, tendo em vista o trabalho com o material da TV, será o de pensar o grau de viabilidade das suas diversas clientelas e dos indivíduos e grupos sociais envolvidos no trabalho escolar, bem como as diversas formas de recepção dos conteúdos veiculados pela mídia. É preciso pensar a influência da mídia em nossas vidas, reconhecendo não só suas características escapistas, alienantes ou conformistas, como aprendendo suas diversas facetas e os resultados de sua influência sobre a sociedade. (NAPOLITANO, 2003, p. 12).

A função da escola, nesse sentido, é ajudar a população como assimilar e participar de todas as demandas existentes. E a escola pode influenciar nesse processo estabelecendo atributos que possibilitem ao aluno a estar apto a enfrentar os desafios de um mundo onde a informação e o conhecimento são cada vez mais importantes, possibilitando a compreensão de seus processos e suas influências na vida da sociedade.

O fato é que, mais do que diversão, o cinema deve ser parte do cotidiano de professores, pais e alunos, pois costumeiramente já habita a intimidade das residências através da televisão e bem como no acesso à Internet. São nesses pontos que a escola deverá traçar seus questionamentos. Mergulhar nesse universo das diferentes formas e estratégias de produção,

veiculação e recepção de conhecimento é participar de uma investigação permanente sobre os processos educativos. Mais ainda,

Mergulhar no universo da produção de significações implica mergulhar também no estudo e compreensão de lutas sociais e políticas muito específicas, relacionadas à afirmação de identidades e diferença, bem como ao complexo cruzamento entre o político e o psicólogo, entre o social e o individual (FISCHER, 2003, p. 24).

Para Saviani (1991), cabe à escola, como mediadora entre a sociedade e a educação, agir no sentido de transformação dela mesma, possibilitando ao povo lutar contra a seletividade, a discriminação, o rebaixamento e a marginalidade. O autor propõe uma educação de qualidade a serviço do desenvolvimento da cidadania, como elemento importante e decisivo no processo de democratização e transformação social.

Propõe, ainda, que a prática pedagógica desvele a realidade, “levando em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização dos conhecimentos, sua ordenação e gradação” (SAVIANI, 1991, p. 79).

Desde que surgiu, o cinema trata do registro da realidade, transformando a forma como olhamos para o mundo. Em sua pedagogia, nos ensina maneiras de interpretar e compreender a sociedade, influenciando nossas escolhas e hábitos. Para Duarte (2002, p.17), “ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

O cinema expõe, a todo o momento, imagens que, de certa forma, se apropriam de nossas angústias e desejos, às vezes com tal intensidade que confundem os sentidos que cada um de nós daria a essas mesmas angústias e desejos. E é essa separação entre a vida real e a ficção que parece cada vez mais diluir-se. Como aponta Fischer (2003, p. 20), “uma invade a outra e novos problemas são criados”.

A escola e o professor devem saber identificar tais recursos, quais as implicações psicopedagógicas no receptor, em que gênero de programa determinado conteúdo está sendo veiculado, se o conteúdo escolar está sendo revestido por uma mensagem ideológica mais precisa ou não. (NAPOLITANO, 2003, p. 21)

Estudar a partir do cinema significa atentar para uma pluralidade de variáveis em jogo. Haverá tantas e tão mais complexas leituras ou entendimento de seu repertório de informações sobre o tema e sobre a própria experiência.

E talvez nesse contexto compreendamos nosso imenso desejo de ver filmes, é que na tela eles representam a nós mesmos, aos nossos desejos, sonhos e vontades. Aprender a fruir imagens e imaginações, ao mesmo tempo em que aprender a responder questões que definam a linguagem desses produtos, em seus detalhes, em suas mínimas escolhas estéticas de uso das imagens, dos sons, da música, dos planos, dos diálogos, dos tempos.

Quando o cinema se torna uma prática frequente no espaço escolar – em qualquer nível – é possível que professores e alunos se deem conta de como assumem relevância certos temas na sociedade, na medida em que se tornam públicos. “No ato de ver e assimilar um filme, o público transforma-o, interpreta-o, em função de suas vivências, inquietações, aspirações” (BERNARDET, 2006, p. 80).

É importante salientar o quão necessário é desempenhar funções pedagógicas com cinema no processo ensino-aprendizagem, tais como motivar, contextualizar, aprofundar, diversificar pontos de vista, questionar e discutir, auxiliar a compreensão de processos e conceitos. “Os professores precisam aprender a usar essa ferramenta importantíssima, revendo sua sensibilidade e sua preparação, para que, de fato o vídeo se torne educativo” (NAPOLITANO, 2003, p. 58).

Pensar o cinema no âmbito da escola faz-se necessário compreender como um espaço para obter conhecimentos e informações, podendo ensinar, vender ideias e produtos, convencer, sensibilizar, convocar, ou mesmo, simplesmente para se distrair. Fischer (2003) afirma que a linguagem se funde exatamente na dispersão do telespectador e busca em todas as formas responder a ela, de modo especial pesquisando ritmos, selecionando sons, atores, personagens, produzindo imagens e diálogos, a fim de capturar atenções e emoções.

Abre-se, então, uma discussão sobre as escolhas feitas, e essas escolhas inevitavelmente envolvem valores, posições políticas, éticas, estéticas. Falar da imagem do outro é também falar da imagem do corpo do outro. E talvez nesse contexto, como aponta Fischer (2003, p. 62), compreenderemos nosso imenso desejo de ver a intimidade do outro, é que ela “representa” a nós mesmos, aos nossos desejos, sonhos e vontades.

2.3 O CINEMA NA ESCOLA

Muito mais que lazer ou divertimento, a sétima arte deve ser compreendida como instrumento de divulgação de ideologias, formas de pensar, modos de agir. Se usada corretamente, serve como fonte de cultura e informação, como importante instrumento de formação.

Segundo Napolitano (2009, p. 20),

O trabalho com o filme, visto como documento cultural em si, é mais adequado para projetos especiais com cinema, visando à ampliação da experiência cultural e estética dos alunos [...]. Este é um dos importantes papéis que a escola pública pode ter, pois, muitas vezes, será a única chance de o aluno tomar contato com uma obra cinematográfica acompanhada de reflexão sistemática e de comentários, visando à ampliação do seu repertório cultural [...] e estético.

Tendo sua potencialidade educacional compreendida, o cinema será visto como fonte de conhecimento. Muito mais que um espetáculo de diversão, a escola pode utilizar como um recurso didático, “para ilustrar, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis” (DUARTE, 2002, p. 87).

Mas, afinal, como o cinema pode formar? Dentro do contexto escolar, por exemplo, um filme atua na formação da personalidade, contribui para o desenvolvimento racional, amplia novos olhares por meio da exploração de histórias do cotidiano, possibilitando reflexões de atitudes e valores de cidadania.

Napolitano (2009, p. 11) argumenta que “trabalhar com o cinema (filme) na sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada”. No processo ensino-aprendizagem a leitura é imprescindível. O educador, portanto, é o caminho que conduzirá meios na criação do hábito de ler. Portanto, se é possível fazermos leituras fílmicas, é importante que a escola prepare seus alunos para que ele seja capaz de entender a linguagem audiovisual e seus significados.

Para usar o cinema dentro da escola, os professores precisam trabalhar filmes que deem suporte aos temas abordados nas disciplinas curriculares, ampliando o olhar dos alunos. Dentro das inúmeras possibilidades dessa ferramenta pedagógica vários eixos temáticos poderão ser trabalhados, como discussões psicológicas, teológicas, sociológicas, filosóficas, históricas, políticas, econômicas ou culturais.

Esta abordagem pode ser mais adequada no trabalho com os Temas Transversais: cidadania, meio ambiente, sexualidade, diversidade cultural etc. Em princípio, todos os filmes – ‘comerciais’ ou ‘artísticos’, ficcionais ou documentais – são veículos de valores, conceitos e atitudes tratados nos Temas Transversais, com possibilidade de ir além deste enfoque. Neste sentido, o cinema é um ótimo recurso para discuti-los (NAPOLITANO, 2009, p. 20).

O filme como complemento da aula possibilita discussões e debates, através de questões propostas pelo professor, facilitando a prática reflexiva.

O fato de ser tratado como um texto gerador não isenta o professor de problematizar o tratamento – estético e ideológico – que o filme desenvolve sobre os temas a serem debatidos. Os filmes, como qualquer obra de arte, comunicam e perturbam o espectador mais pela maneira, pela forma como os temas são desenvolvidos, do que pelos temas em si. Por isso, os vários aspectos da linguagem não devem ser menosprezados: os ângulos e enquadramentos da câmera, o tipo de interpretação imprimida pelos atores, a montagem dos planos e sequencias, a fotografia (texturas e cores da imagem que vemos na tela), enfim, a narrativa que conduz a trama (NAPOLITANO, 2009, p. 20).

Trevizan (2002) também argumenta sobre a leitura dialógica do conteúdo e da linguagem dos filmes:

Na recepção de um texto fílmico, por exemplo, o espectador deve preocupar-se com a descoberta da criatividade na produção interna do filme, ou seja, deve voltar-se para a tarefa de identificação da perfeita correspondência estabelecida entre a linguagem construída e a informação e/ou história transmitida. Para tanto, é preciso atenção especial do espectador não só para os fatos contados, mas sim para os processos estratégicos (do criador) de seleção e combinação de determinados signos (verbalizações, sons, objetos, cores, formas, movimentos, gestos e etc.) na montagem do filme (2002, p. 105).

Como se expõe, é importante que o aluno compreenda o sentido e o tema do filme. Que ele possa desconstruir a narrativa fílmica, com seus múltiplos personagens e situações-chave. Que ele possa perceber determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de um grande contingente de atores sociais.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A relação entre educação e cinema no Brasil trata-se de um estudo recente e complexo. Nesta pesquisa buscamos compreender esse campo de estudo, trilhando um caminho alinhando as ideias defendidas pelos principais autores e as respostas coletadas junto aos sujeitos desta pesquisa.

3.1 TIPO DA PESQUISA

Este trabalho foi organizado a partir de uma pesquisa exploratória, realizada tomando por base uma abordagem qualitativa, tendo em vista a possibilidade de melhor análise e maior profundidade das informações coletadas.

Para melhor compreensão deste processo, realizou-se, durante a análise dos dados, abordagem na qual se evidenciou as etapas e encaminhamentos na pesquisa qualitativa. Laville e Dionne (1999, p. 214) explicam que a finalidade deste procedimento de pesquisa é permitir ao pesquisador possibilitar o desenvolvimento da análise e da interpretação em função das suas questões e hipóteses.

Nesse sentido, construímos uma análise descritiva, a partir da análise de dados coletados através de um questionário impresso com perguntas direcionadas a professores do ensino fundamental, anos iniciais [4º e 5º anos], com o propósito de gerar reflexão crítica nos sujeitos envolvidos, contribuindo, assim, para a dimensão pedagógica do cinema como ferramenta educacional.

3.2 SUJEITOS

Os sujeitos desta pesquisa foram 20 professores, do sexo feminino, com atuação nos anos iniciais [4º e 5º anos] do ensino fundamental em diferentes escolas municipais na cidade de Patos/PB. Neste trabalho, para manter o sigilo de suas identidades, foram identificadas de Participantes de 1 a 20.

3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para dar conta da pesquisa, foi feito um levantamento de referências bibliográficas que direcionou a construção do estudo. O questionário, composto de dez questões, foi elaborado de

acordo com os objetivos mencionados: pesquisar as contribuições do cinema na construção e na construção de saberes. As perguntas contemplam os aspectos relacionados à caracterização de como as produções cinematográficas brasileiras estão sendo utilizadas nas escolas.

3.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Para atender aos objetivos da pesquisa, organizou-se o estudo em duas partes complementares: o estudo teórico e o levantamento de dados. A primeira consistiu numa pesquisa referencial dos assuntos abordados nesta investigação, que serviram para a compreensão da problemática e os percursos de desenvolvimento do projeto. A segunda etapa consistiu na investigação prática, através da aplicação de questionários junto aos sujeitos da pesquisa.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Partindo da análise dos dados coletados, tem-se uma compreensão das percepções correspondentes dos participantes envolvidos, nos aspectos do objeto desta pesquisa, que relacionam a aprendizagem ao uso do cinema em sala de aula. Foi estabelecida a relação que contempla o aprofundamento sobre a utilização do cinema, enquanto ferramenta educativa, anos iniciais [4º e 5º anos] do Ensino Fundamental.

Na análise buscou-se referenciar a construção dos saberes a partir de filmes. O cinema entra como mediador dessa discussão “devido sua capacidade para nos mostrar, para fazer-nos ver as condutas humanas como algo que se situa no cruzamento do corpo com a alma” (MORIN, 2002, p. 329).

O cinema implica:

uma abertura para o universal que revela a particularidade de cada um. O meu próprio mundo é percebido como um outro mundo, e um outro mundo também é percebido como sendo o meu. Nos dois casos o cinema me revela que pertenço a um mundo comum, à comunidade humana, portanto. É nesse sentido que se pode falar de experiência humana. [...]. É preciso partir da ideia de que um filme nos desvenda condutas humanas (MORIN, 2002, p. 328).

Indo mais adiante, Duarte (2002, p. 89) explica que “a utilização dos filmes possibilita trabalhar inúmeros conteúdos em sala de aula, além de contemplar o debate e a reflexão crítica dos alunos nos mais variados temas”. Assim como nas outras ferramentas é preciso procurar estabelecer metodologias que despertem o interesse dos alunos, e encontrar estratégias que direcionem o gosto pelo cinema.

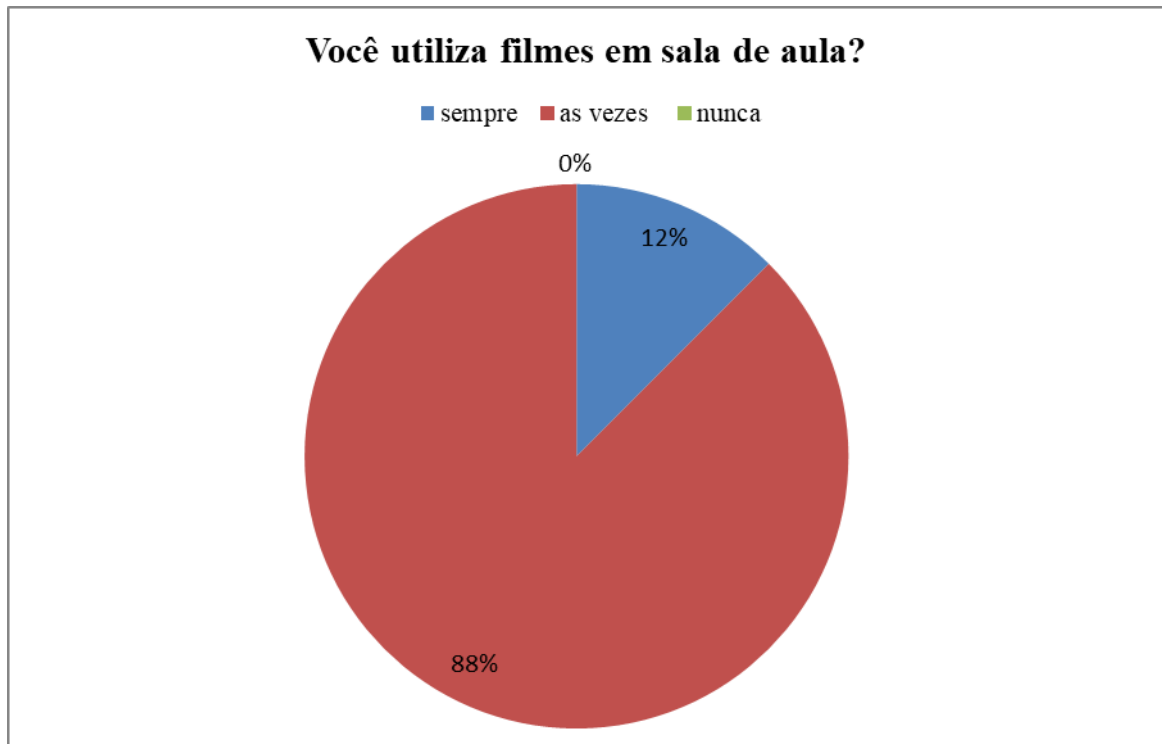
A pesquisa buscou ainda estabelecer como acontece o diálogo entre filme e construção de conhecimento. Nesse sentido, Bernardet (2006, p. 104-105) aponta que “os filmes não são concebidos como meros divertimentos, mas procuram levar ao público uma informação, quer seja a respeito do assunto de que tratam, quer seja pela linguagem a que recorrem que tende a se diferenciar nitidamente do espetáculo tradicional”.

A pesquisa contou com a participação de 20 professoras, todas do sexo feminino, e com formação superior em Pedagogia. Após visitarmos algumas escolas do município de Patos-PB, foram convidadas a responder o questionário. É importante ressaltar que a escolha desta amostragem não tem conotação com o nível ou área de formação acadêmica, muito menos com o gênero das participantes. Trata-se de uma investigação heterogênea com foco nos dados

coletados através dos sujeitos [professores do 4º e 5º ano], referentes ao processo da aprendizagem diante da influência do cinema.

O Gráfico 1 contempla o direcionamento inicial para a análise dos dados coletados, a partir do seguinte questionamento as participantes: Você utiliza filmes em sala de aula?

Gráfico 1: Utilização de filmes em sala de aula pelas participantes da pesquisa



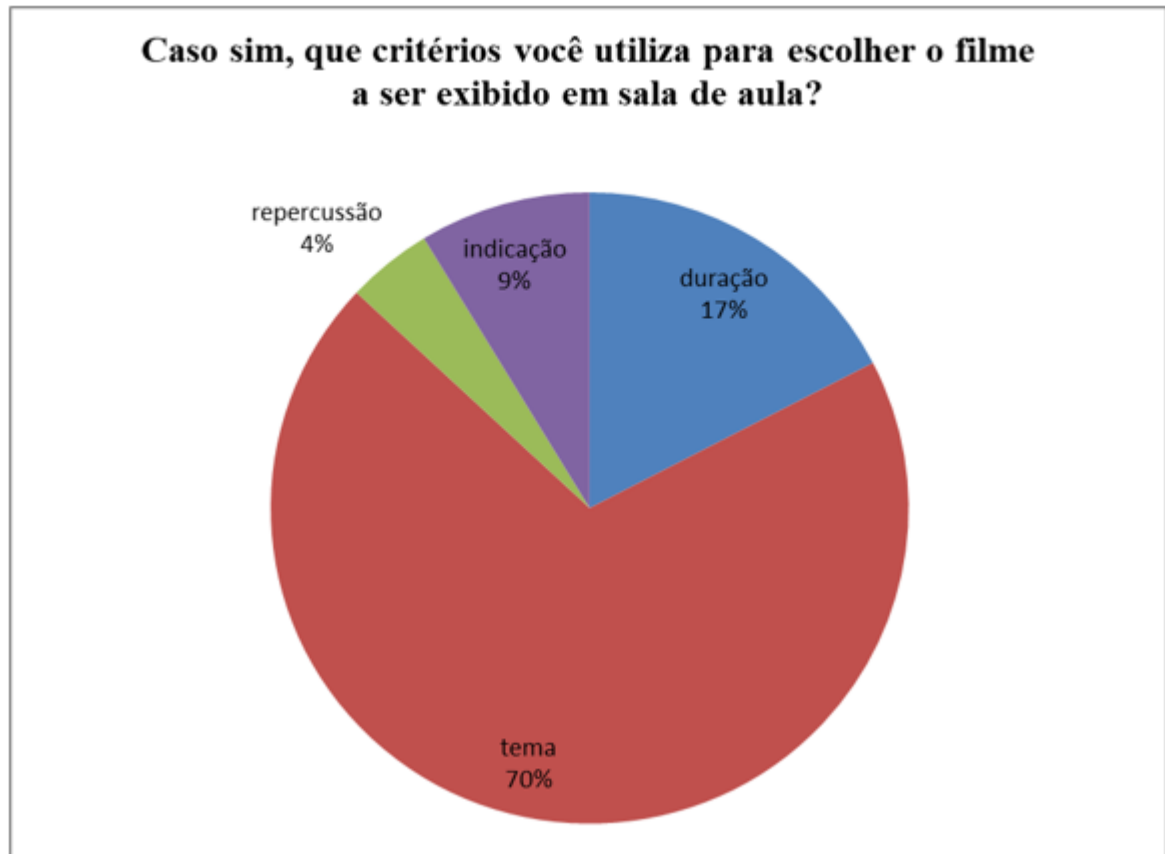
Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Como exposto no Gráfico 1, 100% das participantes desta pesquisa utiliza o cinema no espaço da sala de aula, sendo que 12% assumem o uso constante e outros 88% de forma esporádica. Para efeito da pesquisa, pode-se considerar que a totalidade usufrui de algum modo do cinema enquanto ferramenta no contexto escolar.

Entre as muitas práticas, o uso de filme na escola contempla a possibilidade de vivências, experiências e construção de sentidos. “A aceitação acontece antes mesmo de saber qual o filme ou qual o objetivo de tê-lo escolhido. Trata-se de uma ferramenta que contribui diretamente com a ideia de aprendizagem significativa”. (PARTICIPANTE 17)

Desse modo, para aprofundar a compreensão dessa totalidade, a pergunta seguinte questiona aos professores: Caso sim, que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?

Gráfico 2: Critérios de escolha para utilização de filmes em sala de aula pelos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Assim como em outras questões, para os critérios direcionados no questionário as investigadas poderiam escolher mais de uma opção. Como exposto no Gráfico 2, o percentual se distribui em: duração 17%, tema 70%, repercussão 4% e indicação 9%.

Para compreender as justificativas direcionadas ao uso do cinema no âmbito escolar, definimos a questão seguinte: Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno?

Gráfico 3: Uso de filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

No Gráfico 3 identificamos que o percentual expõe que 100% das participantes acreditam que o uso de filmes utilizados em sala de aula pode contribuir para a formação do aluno. Conforme justifica a Participante 2: “porque propicia a comunicação, promove discussões relacionando o que está estudando com aspectos dos filmes”. A participante 6 expõe a importância da ferramenta: “uma vez que se faça da interação a interação da teoria com o visual. Uma ótima estratégia para os professores conseguirem discutir com os alunos temas da atualidade”.

4.1 A CONSTRUÇÃO DE SABERES A PARTIR DE FILMES

O cinema, enquanto objeto de reflexões, em sua dimensão educativa, estabelece um importante contexto da construção de saberes. Gusmão (2007) lembra que, através da cultura do audiovisual, a escola possibilita a difusão de conhecimentos, da formação de hábitos e comportamentos, da constituição de memórias sociais, ao organizar lembranças e vivências,

contribuindo para o aparecimento, manutenção ou a transformação de discursos, gostos, condutas e afetos.

O autor ressalta que o cinema tem o poder de influenciar comportamentos e mudanças de hábitos, de modo que, “viabiliza processos de identificação e propicia contatos com a aura da fantasia que envolve a vida humana desde os primeiros tempos” (GUSMÃO, 2007, p. 12).

Pela análise dos questionários, é possível identificar que qualquer disciplina pode utilizar o cinema como um instrumento pedagógico, já que se partiu de uma totalidade dos professores envolvidos na pesquisa.

Segundo Napolitano (2009), trabalhar com filmes requer critérios de análise e estudo temático, saber seu objetivo, suas relações com a disciplina, as possibilidades e suas orientações. “Além desses procedimentos tão óbvios quanto importantes, o professor deve pensar o filme dentro do seu planejamento anual, de acordo com a Proposta Curricular oficial em consonância com a Proposta Pedagógica da Escola e seu Plano de Ensino” (NAPOLITANO, 2009, p. 23).

Compreender os critérios auxilia aos educadores no uso desta ferramenta pedagógica, incentivando a novos modos de ver e de ler os filmes.

Qual o uso possível deste filme? A que faixa etária e escolar ele é destinado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a sua contribuição na relação ensino-aprendizagem? Qual é o objetivo didático-pedagógico geral da atividade? Qual é o objetivo didático-pedagógico específico da atividade? (NAPOLITANO, 2009, p. 19 - 20).

Ao serem indagadas sobre a aceitação dos alunos com a proposta do uso de filmes em sala de aula, foi identificado entre todas as repostas que há uma aceitação positiva. Para a participante 11, acontece ainda uma melhor aceitação quando a seleção dos filmes é feita pelos alunos: “Os alunos têm uma boa aceitação, pois os mesmos conseguem compreender com clareza o tema que foi abordado nas aulas e participam do debate com mais entusiasmo” (PARTICIPANTE 11).

O cinema deve ser pensado como arte, que possibilita uma dimensão da experiência humana, da emoção, da sensibilidade, da leitura da imagem em movimento, dos sons que transcorrem os espaços auditivos.

As professoras participantes atribuíram ao cinema sua importância pedagógica, como afirma Duarte (2002, p. 87):

o cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Sabemos que a arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (com uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois estamos impregnados da ideia de que cinema é diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes ‘mais nobres’. Imersos em numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para ‘ilustrar’, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis.

Portanto, deve-se compreender os filmes numa dimensão particular da aprendizagem. Questionados sobre a possibilidade da contribuição para formação do aluno com uso de filmes em sala de aula, todos os participantes afirmaram de como o cinema pode interferir na formação escolar do aluno. “Podem contribuir para o entendimento daqueles alunos com mais dificuldades em determinados temas e uma maior interação do tema trabalhado” (PARTICIPANTE 14).

Tal direcionamento justifica a ação do Ministério da Educação que incluiu o §8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica: “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.”

Até então, está fundamentado neste trabalho que o uso do cinema sinaliza uma importante ferramenta no processo educacional, e que, segundo as investigadas, tende a desenvolver a percepção dos alunos, despertando a interação e mais atratividade diante dos temas.

Porém, para aprofundar essa percepção de totalidade, identificou-se, a partir de algumas respostas das participantes, aspectos inerentes à contribuição dos filmes na formação dos alunos, tais como: ilustrar o conteúdo teórico, ampliação do repertório cultural, desenvolvimento de habilidades, poder de interpretação, construção de sentidos, reflexão e pensamento crítico, entre outras possibilidades.

Desse modo, podemos compreender que o filme possibilita a formação de leitores críticos. Napolitano (2009, p. 20-21) argumenta:

O trabalho com o filme, visto como documento cultural em si, é mais adequado para projetos especiais com cinema, visando à ampliação da experiência cultural e estética dos alunos [...]. Este é um dos importantes papéis que a escola pública pode ter, pois, muitas vezes, será a única chance

de o aluno tomar contato com uma obra cinematográfica acompanhada de reflexão sistemática e de comentários, visando à ampliação do seu repertório cultural [...] e estético.

Sobre o uso de metodologias, para a exposição de filmes em sala de aula, a maioria das participantes utilizam desse direcionamento. Importante ressaltar que esta é uma das maiores inquietudes das pesquisas direcionadas à relação cinema e educação. “Ter objetivo didático claro é sempre importante, pois, a partir daí, pensaremos na metodologia. Primeiro relacionamos o filme com o conteúdo a ser trabalhado, questionários, resumos, rodas de conversas para melhor socialização do filme” (PARTICIPANTE 16).

Desse modo, cabe ao professor enquanto pesquisador estudar e encontrar o melhor meio de se trabalhar um filme, analisando a faixa etária dos alunos, o conhecimento prévio, a comunidade na qual está inserido, entre outros tantos fatores que devem ser observados pelo educador com o intuito de não perder o foco na educação.

Sobre essas questões, Freire (2005) aborda ser necessário ao educador o exercício da reflexão crítica sobre sua prática, para que seja dialógica, não apenas centrada em conteúdo.

o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1987, p. 78).

E, finalizando as questões sobre o processo de construção de saberes a partir de filmes, apontou-se o seguinte questionamento: Descreva uma experiência, positiva ou negativa do uso do cinema em sala de aula. Para compreensão desta, a partir das repostas das participantes, construímos uma tabela pontuando aspectos constituídos a partir das respostas das investigadas.

Quadro 01 – Experiências com o cinema em sala de aula

Aspectos inerentes do uso do cinema em sala de aula a partir de experiências	
Participante 01	A possibilidade de levar a tecnologia como recurso de aprendizagem.
Participante 02	Exposição de filmes que promovam interação, reflexão e cidadania, assuntos que construam o educando.
Participante 03	Possibilitar processos de reflexão e convivência em grupo.
Participante 04	Mostra o desenvolvimento e a preparação para os desafios do mundo atual.
Participante 05	Melhorar o comportamento dos alunos em relação a aceitação das diferenças, a exemplo de um aluno portador de necessidades especiais que era excluído das atividades.
Participante 06	A importância de trabalhar o cinema em sala é bom para o desenvolvimento e a maneira coletiva, mostrando as experiências vividas.

Participante 07	A exposição de um filme sobre o bullying evitou comportamentos iguais.
Participante 08	Em relação a metodologia é sempre bem aceito pelo alunado e na aprendizagem. Há sempre experiências positivas ao trabalhar filmes que retratam histórias reais.
Participante 09	Melhora na aquisição de conteúdos, possibilitando ampliar os conhecimentos, desenvolvendo a criatividade e fazer a relação ao cotidiano.
Participante 10	Auxilia no enriquecimento dos novos conhecimentos.
Participante 11	Motivar um conteúdo que será abordado ou aprofundar um assunto já estudado, trazendo conhecimento que vão muito além da realidade dos alunos.
Participante 12	Aprender sobre as diferenças, limites, interacidade, criatividade, emoções. Possibilitar diferentes habilidades de acordo com cada disciplina.
Participante 13	Reflexão sobre vivências, como via de transformação da realidade para melhoria do seu estar no mundo.
Participante 14	A experiência negativa é quando a escolha do filme não agrada ao aluno. Se torna algo cansativo.
Participante 15	Estabelecer diálogo com outras artes, tais como a arte da ciência, arte visual, literatura, etc.
Participante 16	Poder desenvolver uma visão crítica, um conceito, uma percepção sobre os fatos vistos em uma sociedade e com eles um aprendizado, relacionando a ficção.
Participante 17	Complementação de temas trabalhados em sala, com novas informações para o aluno.
Participante 18	Aproximação do que é ensinado na teoria com a prática.
Participante 19	Com o filme o aluno adquire experiências importantes de sua vida.
Participante 20	Comportamento e aprendizado.

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Compreende-se, a partir desses aspectos apontados no quadro 1, que o cinema na escola é visto como algo muito positivo, pois vem para fomentar essas ferramentas. Desse modo, a Participante 15 indica que “o uso de filmes pode estabelecer diálogos com outras artes”, assim como afirmou a Participante 18: “promove a aproximação do que é ensinado na teoria com a prática”.

4.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DADOS DA PESQUISA

Partindo da avaliação referente ao questionário aplicado para a coleta de dados, foi possível estabelecer conceitos importantes em relação ao objeto de estudo desta pesquisa. De modo geral, os dados revelaram que as professoras participantes fazem o uso do cinema enquanto ferramenta pedagógica. Como se pode observar no Gráfico 1 que questiona sobre o uso de filmes em sala de aula, tendo a totalidade de confirmações.

Indiferente ao conteúdo, as professoras investigadas indicam possibilidades inerentes a trabalhar o cinema como ferramenta pedagógica. Nas respostas referentes a questão “Você

acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno?” contemplam as possibilidades de como trabalhar o cinema em sala de aula.

Com base na construção do quadro 1, que apresenta os aspectos inerentes do uso do cinema em sala de aula a partir de experiências das professoras envolvidas nessa pesquisa, identifica-se que a construção de saberes acontece por variadas formas em que os filmes possam ser expostos.

Nas repostas apresentadas, as participantes expõem suas experiências no cotidiano escolar, discutindo e tratando de temas relevantes ao processo de aprendizagem. Como exposto no Gráfico 3, identificamos que o percentual expõe que 100% das participantes acreditam que o uso de filmes utilizados em sala de aula pode contribuir para a formação do aluno.

Desta forma, compreende-se, a partir dos resultados obtidos, que o cinema possibilita a construção de saberes, através de suas múltiplas possibilidades enquanto ferramenta pedagógica. Assim, o professor deixa de ser um simples transmissor de informação e ocupa o papel de estimulador de construção de saberes. Os dados coletados sugerem que os filmes possam ensinar, ajudar os aprendizes a olhar e a conhecer a sociedade em que vivemos e contribuem na produção de significados sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da construção deste trabalho, compreende-se que a relação cinema e escola deve, à priori, estimular o desenvolvimento de políticas de promoção da diversidade cultural e ampliar, cada vez mais, a participação da comunidade escolar nas discussões sobre o tema.

É importante destacar que, apesar de alguns direcionamentos expostos durante a pesquisa, buscou-se através do questionário aplicado, explorar as possibilidades de como o cinema pode ser utilizado enquanto ferramenta de construção de saberes. Apesar dos aspectos trazidos neste estudo, sabemos que a problemática pode ser aprofundada ainda mais no aspecto da construção de saberes.

Vale ressaltar a possibilidade de ampliar leituras inerentes aos assuntos pesquisados que permeiam a área de atuação do pesquisador, enquanto estudante de Pedagogia, Jornalista profissional e produtor de filmes. Por tudo isso, acredita-se que o objetivo desta pesquisa foi atingido, tendo em vista os resultados alcançados; assim como, pudemos estabelecer uma possível resposta ao problema que sustenta a pesquisa. Fica, portanto, evidenciado que o cinema deve ser utilizado enquanto ferramenta educativa.

Assim como aponta a teoria da mediação da aprendizagem de Vygotsky (1989), a educação, de modo geral, deve passar pelas relações do indivíduo e mundo, o sujeito e o meio. O conhecimento acontece pela intermediação, a intervenção do homem e suas representações.

Como está fundamentado nesta pesquisa, o uso do cinema sinaliza uma importante ferramenta no processo educacional, e que, segundo as investigadas, tende a desenvolver a percepção dos alunos, despertando a interação e mais atratividade diante dos temas.

Porém, para aprofundar essa percepção de totalidade, identificou-se, a partir de algumas respostas das participantes, aspectos inerentes à contribuição dos filmes na formação dos alunos, tais como: ilustrar o conteúdo teórico, ampliação do repertório cultural, desenvolvimento de habilidades, poder de interpretação, construção de sentidos, reflexão e pensamento crítico, entre outras possibilidades.

Os filmes usados em sala de aula são uma ferramenta auxiliadora no desenvolvimento da interpretação, da análise, da construção de opinião. O discente pode, a partir do que observa, conectar o que tem por conhecimento prévio e/ou formal, por exemplo, e o que lhe está sendo apresentado. Pode ainda fazer deduções e fazer uso da lógica.

O ambiente escolar é um espaço de construção de aprendizagem e um dos elos desse processo. A construção pode ocorrer quando docentes e discentes reconhecem em seu espaço um ambiente que permite a construção de relações, pois é necessário que esses atores tenham

autonomia e que sejam capazes de refletir sobre si mesmos, sobre o seu próprio processo de construção de conhecimentos e sobre o mundo, sem serem privados dos conhecimentos externos e das novidades produzidas a cada dia na escola, na sociedade e no planeta.

Fazer pensar, fazer refletir, fazer revolucionar a partir de novos processos de aprendizagem, são algumas das funções cognitivas e sociais que a educação proporciona, certamente se viveria num outro contexto de vida.

Desse modo, cabe a educação, em todas as suas dimensões, suplantar possibilidades que interfiram nessas realidades e proporcionem a revolução do conhecimento, inculcar na sociedade que somente através da educação a criança conquistará uma formação verdadeira.

REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, Juciane Riacarte. Cinema: historicidades, interpretações, representações e sensibilidades. In: Buriti, Iranilson. (ORG.). *Identidades e sensibilidades: o cinema como espaço de leituras*. Campina Grande, Paraíba: Eduepb, 2012.
- AUMONT, Jaques. *A estética do filme*. 7.ed. São Paulo: Papirus, 2009.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BERNARDET, Jean Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- CITELLI, Adilson (org). *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádios, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2000.
- DUARTE, Rosália. *Cinema & educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FERREIRA, Aurélio. (2016). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Retirado de <https://dicionariodoaurelio.com/identificar> em 12/05/2018.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALENO, Alex. et al. *Brasil em tela: cinema e poética do social*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. *Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX a XXI*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MACHADO, Arlindo. *O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço*. São Paulo: Paulos, 2007.
- MANN, Chris; STWEART, Fiona. *Internet Communication and Qualitative Research: a handbook for researching online*. London: SAGE, 2000.

MATTA, João Paulo Rodrigues. *Análise Competitiva da Indústria Cinematográfica Brasileira no Mercado Interno de Salas de Exibição, de 1994 a 2003*. Dissertação de Mestrado da Escola de Administração, da Universidade Federal da Bahia. 2004.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MENDONÇA, Leandro José Luz Riodades. *Cinema e indústria: o conceito de modo de produção cinematográfico e o cinema brasileiro*. Tese Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade de São Paulo – USP. 2007.

MICHEL, Rodrigo Cavalcante. *A Indústria Cinematográfica no Brasil: análise da produção, distribuição e exibição de filmes nacionais no período 1995-2009*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal de Uberlândia. 2011.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar a televisão na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, Veruska Anacirema Santos da. (2010). *Memória e cultura: cinema e aprendizado de cineclubistas baianos dos anos 1950*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade. Univ. Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. 2010.

TREVIZAN, Zizi. *O Leitor e o diálogo dos signos*. São Paulo: Clipse, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *Pensamento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A:

Este questionário é parte de uma pesquisa acadêmica desenvolvida pelo estudante do curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal da Paraíba, Deleon Souto.

Esta pesquisa tem como objetivo coletar dados sobre: Como os professores realizam o ensino a partir da exibição de filmes?

Contamos com sua colaboração para respondê-lo, pois suas informações são por demais importantes para esse trabalho.

QUESTIONÁRIO

PERFIL DO ENTREVISTADO:

Nome: _____

Telefone: _____

Email: _____

Sexo: () masculino () feminino

Área de formação: _____

Turma que leciona: () 4º ano () 5º ano

QUESTÕES SOBRE A PESQUISA:

1 - Você utiliza filmes em sala de aula? () sempre () as vezes () nunca

2 - Caso sim, que critérios você utiliza para escolher o filme a ser exibido em sala de aula?
() duração () tema () repercussão () indicação
() outros: _____

3 - Você acha que os filmes utilizados em sala de aula podem contribuir para a formação do aluno? () sim () não

4 - Se a resposta anterior for sim, em que aspecto?

5- Como é a aceitação dos alunos quando é proposto o uso de filmes em sala de aula?

6 - Quais metodologias utiliza no uso de filmes em sala de aula?

7 - Quais equipamentos e espaços são usados durante a exibição de filmes?

8 - Que habilidades você acha que os alunos podem desenvolver por meio do audiovisual?

9 - Cite algum filme e como trabalha-lo na escola.

10 - Descreva uma experiência (positiva ou negativa) do uso do cinema em sala de aula.

Obrigado!!!

ANEXOS

ANEXO I



Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 13.006, DE 26 DE JUNHO DE 2014.

Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 8º:

“Art. 26.

.....

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 26 de junho de 2014; 193ª da Independência e 126ª da República.

DILMA ROUSSEFF

José Henrique Paim Fernandes

Marta Suplicy

Este texto não substitui o publicado no DOU de 27.6.2014